

QUINTA-FEIRA
15 de Fevereiro de 1932

5 ANOS
SEMPRE
EXCELSOS

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

301



sempre
fixe semanario
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

ESTETICA CITADINA





Os ditos da semana



Sociedade das Nações

Inventou-se depois da guerra, a Sociedade das Nações, para estabelecer definitivamente a paz e a concordia sobre a Terra e sobre o mar, como se diz na «Portuguesa».

Com aquilo nunca mais haveria guerra e os povos passariam a viver num perfeito idílio. Poz-se a máquina a trabalhar e a China e Japão, talvez porque não acreditavam na eficacia do invento, pegaram-se á unha, assim como quem diz:

— Vamos lá a ver o que faz a Sociedade das Nações. É uma experiencia...

Deram por lá taponar de criar bicho, como se diz em portuguez vernáculo, mataram-se uns aos outros e, á mistura, feriam e matavam alguns visinhos que não tinham nada com a experiencia, sempre de olhos postos na Sociedade das Nações. á espera que ela interviesse.

A S. D. N. reuniu-se, disparou tantos discursos como os tiros que se dispararam no Extremo Oriente e, quando se esperava que expedisse uma ordem fulminante para fazer cessar as hostilidades, mandou conselhos, bons conselhos, é certo, mas apenas platonicos conselhos, quando o que eles apreciariam era que lhes enviassem algodão hidrofilo e arnica.

Reconhece-se, pois, a impotencia da S. D. N.

A S. D. N. não tem força para evitar o mal da guerra.

Vamos a ver se tambem lhe faltam as forças para consentir que algum paiz seja esquarterado, reduzido na sua extensão territorial ou privado da sua independencia...

Premio Tomaz Ribeiro

Estamos em pleno concurso literario. Podem concorrer romancistas, poetas, novelistas, contistas e dramaturgos com tanto que as obras apresentadas tenham sido publicadas no ano de 1931, para o que é necessário apresentar a competente certidão de idade da obra.

Inéditos não se admitem. Porquê?

Então só podem ser obras primas as que tenham visto a luz da publicidade?

Quantas preciosidades não vão ficar na gaveta dos seus auctores e que, com a chancelado premio e da Academia, facilmente encontrariam editor?

Por nós falamos que temos uma obra de pezo — 1 quilo e sessenta gramas em papel almaço de 35 linhas.

Laval Caiu o Ministerio Laval. Caiu o homem em que a França depositava todos as suas esperanças.

Nós sempre nos admiramos de que a França confiase tão cegamente os seus destinos a um homem feito tão á pressa, um homem que ainda era menos conhecido do que qualquer dos nossos estadistas de lavar e durar.

Nós nunca acreditamos em Laval e sempre dissemos cá com os nossos botões:

— Ele La val alguma coisa, mas cá não valia nada.

A casa de Camões

Houve um certo sobressalto porque os jornais noticiaram a venda da casa de Camões.

Por nossa parte, confessamos, tambem nos sobressaltamos. Indignava-nos que o vate que morrera na miséria,

sem ninguem se importar que ele fosse o epico cantor das nossas glorias, ainda viesse a ser roubado depois de morto. Sim, porque nós estavamos na persuasão de que a casa que se ia vender era de Camões. Quando soubemos, porém, que a casa não era dele e apenas ia mudar de proprietario ficamos mais tranquilos. A casa é do Sr. Correia e o sr. Correia vai vendê-la a Pedro, Paulo ou Martinho. Que perde Camões com isso? Em que é prejudicada a sua gloria?

A casa, se fosse realmente a casa onde Camões morreu, continuaria a gozar dessa honra com lápide e tudo.

Acontece, porem, que a casa desde a morte de Camões, já sofreu tantos arranjos, reformas, reconstruções e restaurações que, do tempo de Camões, apenas deve restar o sitio, se é que, com o terramoto de 1755, as terras se não deslocaram e nem o sitio resta, em su sitio.

Esta da casa de Camões deve ser como o faqueiro do tal major algarvio, que era tão antigo, tão antigo, que já tinha levado cinco vezes cabos e quatro vezes folhas novas.

Anuncios Para satisfazer os inumeros pedidos que temos recebido dos nossos inumeros leitores, ai vão alguns anuncios do nosso habitual fornecedor:

Senhoras

Precisam-se com boa apresentação, para organização de grupos de variedades. Das 17 ás 19, na rua do Salitre, 104, 1.º.

Com boa apresentação arranjam-se facilmente. O mais difficil será talvez a organização dos grupos de variedades, a não ser que seja para cantar o «Burrié».

Governanta

Oferece-se nova, interessante, casa abastada. Rossio, 42.

Nova e interessante para quê?

Dá-se

Quarto e pensão a menina estudante, ou empregada. Rua dos Douradores, 134, 3.º, esq.

Dá-se? Parece que sim. Dá-se.

Menina

Ou senhora nova, preferencia empregada, precisa-se, companhia pessoa posição. Carta a este jornal, ao n.º 15.

Nova, achamos bem. Mas empregada porquê? As accumulações estão proibidas, mesmo com pessoas de posição.

Appartement

Precisa-se ou bom quarto independente, bem mobilado, nas imediações de Saldanha, S. Sebastião ou Rotunda. Resposta a este jornal, ao n.º 16.

Ai! se o marido desconfia...

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguezas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor intelligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

Mercedes Blasco



Uma «estrela» que deixou de brilhar nos palcos para cintilar nas letras.

De oito em oito dias publica um novo livro! Se cultivasse o humorismo, convidavamos a infatigavel autora a fazer, só ella, o SEMPRE FIXE, que poderia muito bem passar a diario.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

A crítica fartou-se de falar da nova peça do dr. Ramada Curto, *A Cadeira da Verdade*.

No entanto, parece-nos, a crítica devia sentar-se na *cadeira da verdade* e dizer coisas acerca da peça.

■ ■ ■

GASTÃO Alves da Cunha vai reaparecer no teatro.

Vai interpretar, ao que se diz, um dos principais papéis da *Estrangeirinha*.

Ora ele disse que abandonava definitivamente o teatro...

Já lhe arranjaram a primeira «estrangeirinha»...

■ ■ ■

AQUILO pelo P. A. M., que é co-co quem diz «Parque Automovel Mayer», não vai muito católico a respeito de teatros.

Trocas, baldrocas, peças que passam dum teatro para outro, negócios que não se realizam, artistas que estão num teatro e passam imediatamente para outro, combinações que se desfazem, etc.

E' um nunca acabar de sarilhos. E depois dizem que ha crise de teatro.

O que ha é crise de homens de teatro, de homens que saibam dirigir teatro...

■ ■ ■

O *Merilhão* mudou de aguas. Depois de uma temporada grande no teatro Variedades, reaparece no teatro Maria Vitoria.

Como ele no Variedades já não «mexia», vão pô-lo a «mexer» no Maria Vitoria.

Talvez a mudança de ares lhe faça bem...

■ ■ ■

NAO ha fome que não dê enfiatura.

O Porto tem estado epocas inteiras sem teatro.

Pois agora tem sido um caso sério a epoca teatral no Norte.

Companhia Estevão Amarante. Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

E agora, e a trabalhar ao mesmo tempo, mais duas companhias: Eva Stachino.

Armando de Vasconcelos. Se o Porto volta a pegar...

Acaba-se a crise, com toda a certeza.

A cadeira da verdade

OLAVO
932



A justiça é cega. A Verdade, às vezes, aparece mascarada...

AGORA anda a moda das imitações pelo nosso teatro.

Volta e meia, uma peça nova, e em vez da sacramental «tradução» ou «original», atram, no alto do cartaz, com «imitações» de Fulano e Cicerano, etc.

Não será melhor, em vez de imitação, adaptação, se dela se trata?...

■ ■ ■

A Hortense Luz continua em tournée. Já deixou a Africa e encontra-se presentemente nas ilhas.

Devia ter uma estatua, porque foi ela que descobriu a Africa...

■ ■ ■

AFINAL, o Lopo Lauer vai ou não vai ao Brasil?

Conforme!

A's segundas, quartas e sextas, vai.

A's terças, quintas e sabados, não vai.

E aos domingos?

Aos domingos, como é dia de descanso, não tem nada resolvendo...

■ ■ ■

O Capitollio anuncia para sabado a estrela das *Noites de Folia*, *Noites de Folia*, no Capitollio! Uma verdadeira loucura!!!!???

■ ■ ■

AFINAL, o Lopo Lauer sempre vai ao Brasil, e com ele é Carlos Leal, que dizia que não ia.

E' a ultima palavra.

Consta por cá que no Brasil, quando se soube que o Carlos Leal sempre ia, houve choro, desmaios, etc., etc.

Por cá dizem que o Lopo Lauer, quando se apanhou com o contrato assinado pelo Carlos Leal, até deu dez centímetros mais.

■ ■ ■

O Seixas Pereira regressou do Porto.

E como o seu paradoro é á porta da Havaneza, parece que, em sua intenção, desfilam agora mais raparigas no Chiado.

O pior é que este... Pereira dá flor, mas não dá fruto!...

■ ■ ■

O famoso burro *O Lagarto*, que pertence a Estevão Amarante, figurou nos cartazes da companhia que se afixaram no Porto.

Foi um delirio!

Até pediu aumento de ordenado...

■ ■ ■

FOI entregue á companhia Amarante um *vaudeville* intitulado *Tenho dito!*

Nós somos mais modestos: não dizemos nada!...

■ ■ ■

A companhia de opereta Armando de Vasconcelos estreia-se, no Porto, com a *Princesa do Circo*.

Esperamos que não seja um circo vicioso!...

■ ■ ■

A Cadeira da Verdade, de Ramada Curto, tem feito escandalo! E' mesmo escandalosa!

Os puros afirmam: *Ha verdades que não se dizem!*

De acôrdo! Mas que se escrevem quando se fazem!

■ ■ ■

VAMOS ter uma revista dos quintanistas com o titulo *Cinco Anos de Degredo!*

Para os autores ou para a peça? No ultimo caso será um bom sucesso!...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS



... e não impeça a passagem!

Graça dos outros

Na policia:

— Qual é a sua profissão?
— Interprete!
— Interprete? De quê?
— De calão!

— Não reparou já que as mulheres bonitas casam sempre com idiotas?

— Espera! Ai! Ainda não lhe dei o exemplo!

Na escola dos candieiros de ferro:

O viajante: — O comboio ainda demora muito a chegar?

O empregado: — Não, senhor! Já aí vem na via, o comboio da municipalidade!

Na sala de jantar:

O marido: — Garanto a V. Ex. a autenticidade destas porcelanas, São do século XV.

O marido para o concorrente: — Vê, Linda! E pensar eu que, contigo, os pratos não chegam a demorar uma semana!

— Deixa-me impregnar!

— E o que é aquilo? Um dactilografado?

— Não, senhor! É telegrafado! Sei escrever com uma máquina de tinta permanente!

Na Africa:

O militar: — Eu conquiro perfeitamente os homens! Há quinze anos que estou comandando!

O canibal: — E eu também!... Há quinze anos que os estou comendo!

No concerto:

— Quando oigo cantar esta mulher parece-me que sinto a carícia dos raios solares.

— Se eu soubesse, tinha trazido um chapéu de palha!



— Então os meninos andam perdidos?
— Não sr. O meu pae diz que quem se perdeu foi a minha mãe e a gente anda á procura dela.

Um aperto de Serapião

A historia que vou contar-vos deva ser publicada ha duas semanas, porque cheira um pouco a Carnaval. Não é, contudo, de molde a irritar a gente pudica da nossa terra, porque é natural e, como diz o outro, nada mais natural do que a propria Natureza, etc...

Pois o caso deu-se, e foi na lida do Minho e Douro.

Eu conto:

O Serapião (conhecem? nem eu) era um tipo de uma irreverencia fantástica. Tinha coisas do arco da volta. Mas não era lóppa — com licença de quem me lê. Era, até, um rapaz doceado de uma altura mais que radimentar. Sofria, porém dos intestinos e isso acontece a muita boa gente, não é verdade?

Um dia Serapião foi a Vila do Castelo gozar as festas da Senhora da Agonia, que são das melhores do Norte. Embarcou em S. ... e foi para a festa. Decidiu ir beber uns cameres do verdadeiro e a dançar com a caparinhada fixe da região. Um dia não são dias, e a festa que a lida o diabo.

Ora o Serapião, que sofria dos intestinos e ninguém tem nada com isso, aí por alturas de Trofa sentiu um aperto. O comboio demorava pouco e ele não podia suportar a necessidade, com isso das partes boas. E nesse dia, que ele se fêz de ponto em branco, com muita lavadinha...

Por isso, e é raro em dias de gozaria, ele occupou um compartimento onde não ha mais ninguém, uma terceira classe sem W. C. nesta coisa que se assemelhasse. Não esteve com meias medidas,

o nosso homem. Entre a sua indumentaria, que tanto lhe tinha custado a pagar, e o vagão da Companhia, optou por este, e, á sucapa, ali entre os bancos e as janelas — desabafou como qualquer mortal que se preza. Gesto pouco decente, bem sabemos, mas em absoluta concordancia com as leis da Natureza.

Pleu aliviado, é certo; mas tinha cometido um abuso para todos os efeitos. E o revisor, que tinha uma pluitaria maravilhosa, graças a Deus, quando penetrou no compartimento, para o furinho do estile, notou logo um cheiro especial e não esteve com mais aquelas. Dirigi-se ao Serapião, quasi irado e não fazendo, e intimou:

— Se o parodiou. Ou você limpa imediatamente o que fez, ou obrigo-o a sofrer um desgosto que lhe ha de ficar de memoria.

— Não limpo coisa nenhuma! — respondeu o Serapião. — Foi uma necessidade fisiologica. Procurei evitar esta coisa, mas não pude ser. Tenha paciencia. São coisas da Natureza.

Você ainda responde dessa maneira, seu palerido? Isto que lhe propoalho é uma plataforma. Se telva em não limpar, temos então o cablo estornado, porque na propria estacao darei parte ao chefe.

O Serapião ouviu, ouviu, e por fim rematou para o revisor:

— Pois muito bem! Ai está uma forma criteriosa de resolver este assunto. Porém, para não falar-lhe mais nisto em vez de lhe dar parte, como promette, o melhor é dar-lha todo. Ficarei o voador limpinho em folha.

MAXIM.



— Tu merecias um palacio. E, se não fosse a crise...
— Não se incomode! Eu contente-me com um quarto mobiliado no Cede Redondo...

Um caçador de... lebres!

Sem querer plagiar Tristan Bernard, vou contar-lhes a historia dum caçador feliz.

Chama-se Miguel o nosso protagonista, e tem grau lá na seita dos Capotes Brancos.

Quando chega o grande dia de Santo Huberto, lá manda o Miguel avançar os palafieiros e o seu respeitavel perdigueiro. As grandes caçadas, que não passam do Sabugo, onde o Borato de Soda orneleco se faz devida e graciosamente representar, são sempre um acontecimento. Cai, no mato, a dinastia dos Sosas, e cai o Miguel em ferir pastores, mas nunca conseguindo matar a mais insignificante peça de caça — o que é uma grande peça!

Ha dias, o nosso bom gazeteiro Ornelas, que roe as unhas pelo sabugo — que costuma dar almoços á Carlos V. convidou o Miguel a ir a uma caçada lá para os lados de Algueirão e Melossas, localidades estas em que as lebres abundam.

Dito e feito. Compraram viveres, por causa das moscas, e lá foram de abalada, ao romper da aurora.

Os três: Miguel, o perdigueiro e o niklado Ornelas não contaram ter mau encontro. Atravessando uma estrada, descobriram ao longe um pinete de raça avançada a galope. Era um inimigo — um figadal inimigo.

— Escondamo-nos atraz destes pinheiros! — diz o mais novo dos caçadores: Nikles.

E accentuou para o companheiro:

— Se és bom atirador, desembaraça-te daquele gujo.

O Miguel avançou modestamente:

— Como sabes, eu, Capote Branco, tenho ido a muitas caçadas. Sou um forte atirador.

— Eu creio. Fixe. Mata-me o labrego de peras.

Miguel tremou um pouco. Como provar a sua valentia, agora, ali, posta a prova! Sair-se-ia bem?

O Pele Vermelha, muito conhecido nos matos pelo feroz Pera d'Arjunça, estava a trinta passos.

— Fogo! — diz Ornelas.

Miguel desfechou.

O Pera d'Arjunça, fazendo luzir a sua invejavel careca, irisada de penas, esporeou e afastou-se numa corrida vertiginosa. A poeira desfez-se e qualquer coisa amarela, a vinte passos do Pele Vermelha, tinha caído ao pé da estrada.

O Miguel, Senhor dos Capotes Brancos, acabava de matar a sua primeira lebre!

Acreditem: isto não é lebre corrida.

IVINHO.



— Meu marido, quando quer, fazer os tremulos no violino, põe aqui o meu retrato na estante...

O Maldonado e o Bijou

Bons tempos em que conheci o Maldonado nos bancos da escola. Já aí se mostrava o seu temperamento moderado, conciliador e optimista, — o que é em parte uma alegria para estes tempos em que tudo anda num sarilho por causa da D. Crise Mas os anos passaram, cada um seguia o seu destino, e eu nunca mais vi o meu amigo. Porém, ontem, com grande surpresa minha, quando estava no Nicola, bebendo um café e contemplando a pequena estatua do grande Elmano, senti umas palmadinhas no ombro e encarei com o Maldonado. Mais gordo, mais velho, mas o mesmo feitio, a mesma disposição optimista, e, sentando-se a meu lado, participou-me o seu casamento, dizendo-me cheio de indignação:

— Ah! meu velho, ela é um amor, é um anjo, é o meu bijou! E tu conhece-la.

— ?

— Sim, é a Gertrudes, a filha do Brotas!

— O quê? Aquela que ia a casa dos Guerras?

— Essa mesmo. Bem sei que me vais dizer que ela é mal governada, que faz despesas dispensáveis e que põe a família dela toda lá em casa, mas não é por mal. Ela é muito nova, coitada!

— Crê que não te dizia tal, Maldonado.

E o meu amigo continuou, sempre optimista:

— Estou empenhado, é certo, mas também é um facto que ela gasta pouca agua, o que poupo imenso, e é pessoa amiga dos animais, tanto que arranjou três gatos lá para casa, que urinam por varios pontos. Mas é natural — os animais teem que fazer isso. É uma bela rapariga, muito nova, coitada!

— O principal é tu seres feliz! — disse eu, não querendo com a minha sinceridade dar um desgosto ao meu companheiro.

— Ah! sim. Muito! Se ela é o meu bijou, a minha alegria, o meu amor!

E despedindo-se de mim:

— Vou-me chegando, que tenho que ir fazer o jantar.

— ?!

Soube ontem que a Gertrudes tinha fugido com um caixeiro de praça há já uns oito dias, e, confesso, senti magua pelo meu amigo quando ouvi uma voz junto a mim dizer-me:

— Não penses nisso. Sabes, a Gertrudes fugiu-me, mas já voltou. Crê que não foi por mal que fez isso o meu bijou. Coitada, ela é muito nova!...

— !!!

ARMANDO MARIANO.



— O melhor caminho é o directo, e sobretudo atenção ás curvas!

“Mussolini” Internacional



— Este quadro é italiano e, esse é uma copia deste mesmo quadro feita por um alemão.

O fato novo

Ha muito tempo que o sr. Barata não fazia um fato na alfaiataria donde gastava ha bastantes anos, numa pertinaz continuação de habitos adquiridos. Era pois de estranhar a prolongada ausencia do elegante sr. Barata, tanto mais que o seu alfaiate passava por ser um dos melhores do paiz.

E assim como varios comerciantes, como por exemplo o «Rei das Meias», se intitulam activamente «reis» dos seus respectivos negocios, assim elle pretendia igualmente ser o «Rei dos Alfaiates».

Foi por isso com um grande prazer que o comerciante viu entrar-lhe pela porta dentro o desaparecido freguês.

— Ora viva o meu caro senhor Barata! — foi a frase inicial duma série interminavel de elogios ao freguês, guarda avançada doutra série ainda maior de elogios ás fazendas

E o sr. Barata dispôs-se, com grande prazer do lojista, a escolher um fato. Nenhuma fazenda, porém, agradava ao seu mais que requintado bom gosto. E, esta porque era clara, aquella porque era escura, uma porque era fina, outra porque era forte de mais, não havia fazenda, por mais moderna e mais inglesa que fôsse, que o satisfizesse.

Estava já o aborrecido freguês prestes a retirar-se sem ter feito negocio, quando uma esplendida fazenda, estendida sobre a mesa de côrte, chamou a sua atenção.

— Ora finalmente! — exclamou. — É' daqui que o meu amigo vai cortar o meu fato!

— Impossivel! — voltou, contristado, o alfaiate. — Só tenho cá esse côrte e já está vendido ao dr.

Cosme, que ficou em cá vir tirar as medidas!

— Pois arranje-se como quizer! O que eu lhe garanto é que o meu fato ha de ser feito daqui!

Em vão tentou o infeliz alfaiate convencer o freguês de que lhe não podia vender uma fazenda que lhe não pertencia. O freguês teimou e teimoso como um Barata que se preza, conseguiu convencer o comerciante a fazer-lhe o fato, sob a ameaça de nunca mais gastar da sua loja.

— Paciencia! — dizia este, tentando em vão convencer-se a si proprio. — Quando o dr. Cosme vier, inventarei uma desculpa qualquer.

Não sabia ainda o que havia de inventar. Mas, enfim, qualquer coisa havia de dizer, e fregueses como o dr. Barata havia poucos!

Três dias depois da cena que acabamos de descrever, apresentou-se na loja, para tirar medidas o dr. Cosme, autentico possuidor da cubiçada fazenda.

Atrapalhadissimo, mas fiel á sua ideia de que alguma desculpa arranjará, o comerciante começou muito naturalmente:

— Senhor doutor! Tenho um grande desgosto a dar-lhe, sobre a sua fazenda!

— Como? — perguntou o dr. Cosme, admirado.

— É' que... Eu lhe explico... Não vê o senhor doutor que a sua fazenda é duma qualidade que, ao ser molhada, encolhe sempre, pelo menos, três metros em peça! Pois o senhor teve tão pouca sorte, tão pouca sorte, que foi logo comprar os três metros que eram para encolher!

A. N.



— Não me conhecem? Não admira! Com esta fatiota que aluguei ontem no guarda-roupa...

Elevador da Gloria

No restaurant:

O criado: — Que deseja, minha senhora?

Ela: — Um idiota que me pague o jantar...

* * *

Lição de historia:

— A Rodrigo II alvejaram-no com dois tiros, mas nenhum, felizmente, acertou!

— Foi um crime de lesa-magestade!

— Não; de ilesa magestade!...

* * *

O marido: — Se não gostas de mim, vai ter com a tua mãe!

A mulher: — Miseravel! Bem sabes que ela morreu!

O marido: — Por isso mesmo!...

* * *

Na aldeia:

— Quere ajudar-nos com alguma coisa para o orfeão local?

— Tenha paciencia! Não sei cantar!...

* * *

Ela: — Então tu queres bater-me?

Ele: — Quería, mas não posso! Sou da Sociedade Protectora dos Animais!...

* * *

O mendigo: — Ah, se minha mulher vivesse, não estava aqui a pedir esmoia.

O benemerito: — Então, porquê?

O mendigo: — Porque pedía ela por mim!...

* * *

Lua de mel:

— Eras feliz quando estavas solteira?

— Não, querido! Sou tão feliz casada que se te perdesse, não voltava a casar-me!

* * *

O pai: — Vais de mal a pior! Na semana passada, eras o primeiro em notas da aula; nesta, és o ultimo!

O filho: — E que culpa tenho eu de que o «ultimo» esteja doente!...

Cacharolete

Crise é o termo da moda, pois há crise em toda a parte, desde as regiões financeiras até às da pura arte.

Está em crise o merceeiro e está em crise o jornal, e creio que está em crise tudo o que ha em Portugal.

Depois da crise económica, vem a falta de trabalho tirar o sono aos burgueses com medo do revirralho.

Até na França sensata a crise agora se deu e foi chamado ao poder um tal André Tardieu.

Andava tudo «pazado» co'a ta ideia da paz, mas o Japão deu-lhe um ar: —Pum! Pum! Pum! Zás! Catrapás!

E, então, a França, assustada, fo' buscar o Tardieu. E, hoje, os humoristas dizem: —Tardieu... mas apar'ceu...

O HOMEM DOS TIMBALES.

O amigo Doutor Ramada, uma pessoa dotada de especial habilidade na forma de criticar, resolveu representar *A Cadeira da Verdade*.

Fico o que cair na asneira de se sentar na cadeira, vai falar como sentir! Pois que, mal que se sentar, não pode raciocinar e deixará de mentir.

O enredo é colossal! Devia ser tal e qual assim na vida! E eu estremeço ao pensar no que diria, se isso se desse algum dia, muita gente que eu conheço...

E, se não acha maçada, amigo Doutor Ramada, diga-me lá, sem maldade, o que também não diria se o sentas em algum dia na *Cadeira da Verdade*...

Nesta terra abençoada, a peça representada só esta ideia me inspira... —Depois disto escreverinha, vou sentar-me, a descansar, na *Cadeira da Mentira*...

PATO MARRECO.

Nos, os reis dos animais (salvo seja, faz favor!) arranjam nomes tais que, sendo paradoxais, às vezes causam pavor.

Que lindo, um homem casado passar na rua altaneiro por ter o seu lar honrado, e ouvir gritarem-lhe ao lado: —«Ora viva, seu Carneiro!»

Vai um tipo inteligente no Chiado, e, ao conhece-lo, um amigo inconfidente berra-lhe assim de repente: — «Bom dia, grande Carneiro!»

Certo sujeito magrito anda sempre atrapalhado, não tem vintem, vive aflito, anda encravado, anda frito e só lhe chamam... Guizado...

Ao limpo chamam Leitão, como coisa muito honrosa; muito covarde é Leão e ha muito bom cidadão que, sem o ser, é... Barbosa.

Mas dos nomes a granel, corações, passai ao largo: também eu nesta Babel, sendo mais doce que o mel, venho a ser...

ANTONIO AMARGO.



— Que lindas estampas! Não sei qual heide escolher: se a moçada, se o cavaleiro...

Estás aí, Adriano?

Adriano do Espírito-Santo voltara a casa naquela noite, abatido, de grandes olheiras, um ar nedroso no olhar. Tinha vindo duma sessão de espiritismo em casa das Pires, onde lhe apparecera a alma de Bocage cantando o fado da *Serena* e a do «Marquez» dançando o *fox-blue*...

Abriu a porta do seu quarto, um quarto independente, numa pensão burguesa, ali para o Conde de Redondo.

Riscou a mão um fosforo e entrou...

Tinha a cabeça á roda, tremiam-lhe as pernas, o corpo. Enfim, o nosso Adriano era uma verdadeira pilha de Bunzen... Acendeu a vela, uma vela já côto, que jazia ironica em cima da mesinha de cabeceira...

A cama figurou-se-lhe um desses mastodontes herculeos, que outrora o nosso papá Adão abatera a golpes de sillex... O lavatório, aquele lavatório estilo Psametico III, pareceu-lhe um caldeirão enorme, onde Mefistofeles assasse perninhas de creança...

E o penico, o penico de esmalte, que debaixo da cama o tinha, assemelhava-se-lhe — ó sugestão dos espiritos! — um craneo reluzente, quem sabe se o de Hamlet!

Deitou-se a médo. Lá dentro, no quarto ao lado, um hospede ressonava de assobio, enquanto um velho relógio de sala batia as duas horas, em badaladas; cavas, tão cavas que quasi o fizeram cavar do leito...

Depois, o silencio... A vela de cera dava o seu ultimo suspiro. Adriano não podia resignar-se a ficar ás escuras... Era horroroso! E se fosse até á janela? Não. A noite estava fria... Fantamas andavam pelo quarto. A' ultima luz da vela ondulavam as cortinas, os moveis alongavam-se, mexiam-se... De repente, trevas...

Adriano escondeu a cabeça debaixo dos lençóis.

Na rua, a voz do sereno num «lá vai» macabro, punha-lhe arrepios na espinha e palpitações no coração...

Sentiu mexer uma porta... Decididamente era no seu quarto... Não, aquillo era Húsão... Podia lá ser?!... Ouvido á escurta, tremia e caía silencioso.

E se ele se levantasse? A noite estava fria e Adriano não tinha pantufas...

Nisto uma voz:

— Estás aí, Adriano?

Era ali, dentro do seu quarto, respirando o mesmo bafo, que aquella voz se erguia, soturna, macabra, abraçadabralesea:

— Estás aí, Adriano?

E Adriano, metendo-se mais debaixo dos lençóis, tremia... Adivinhava por entre a roupa uma forma vaga, orbitas cavadas, profundas, onde luziam duas lanternas, uns braços descarnados saindo dumas mangas largas...

— Estás aí, Adriano?

Ele ia rebentar... Latejava-lhe a fronte. Sentiu polsar-lhe no corpo um peso enorme e, mais perto, como um pesadelo, como uma lamina fria que lhe tapasse a garganta e não o deixasse respirar:

— Estás aí, Adriano?

Depois, era, por entre a roupa, um frio glacial, de morte, que se colava a ele, que o não deixava mexer, sufocando-o, galvanizando-o, matando-o. Desmaiou... E quem sabe se a forma vaga continuaria colada ao nosso Adriano como uma mortalha?...

Quando acordou, era já dia... O sol, um sol que não estava subordinado ás ordens do sr. dr. Antonio Centeno e que queria tirar a concorrência ao gaz, entrava a jorvos, ou a outra figura de retórica, pela janela do quarto do nosso homem, fazendo-o abrir os olhos... Saltou da cama ainda ensonado... Abriu a janela. O ar fresco da manhã, tão fresco que até lhe chamavam «viva da costa», penetrou-lhe nos pulmões, enchendo-os de bacterias...

Mas ele teria sonhado? Aquillo havia de ter uma explicação!... Sabia-lhe a boca a ferraduras mal-temperadas e tinha na cabeça o sr. Chaby com os seus cento e tal quilos... Não, Adriano enlouquecera...

Mas? Que era aquillo? Em cima da mesa, junto ao hipotetico esqueleto de vela que se extinguiu, jazia um papel nada higienico, onde mão imprecisa tinha traçado em cursivo tremelicante:

«Adriano: — E's um ingrato. Desconheço-te. Nunca mais cá volto. Adeus. Tua, Ahra.»

— Oh que besta! — exclamou Adriano. — Não me lembrei do que tinha combinado com a Alzira!... MANFREDO CASCA-GROSSA.

Noticias do dia

O conflito sino-japonez O ultimatum japonéz

XANGAI, 19. — O Japão enviou á China um ultimatum, a que esta não respondeu por discordar do seu conteúdo, que está todo escrito em caracteres japoneses. — (United Press).

Outro ultimatum japonéz

TOQUIO, 20. — O Japão enviou outro ultimatum, declarando que enviará ainda outro, passando este a ser, neste caso, o penultimo. — (Especial).

O governo japonéz não deseja ir até uma declaração de guerra

TOQUIO, 20. — O governo japonéz declarou não desejar ir até uma declaração de guerra, declarando mais que lhe basta manter a actual situação de conquistar a China pelos meios pacificos. — (Favas).

As potencias não intervem no conflito

NANQUIM, 20. — As potencias não tomarão parte no conflito, tendo numerosos officiais aviadores canadianos oferecido os seus prestimos á China para combater o Japão. — (United Press).

O novo estado mandchu

TOQUIO, 21. — O antigo Imperador da China aderiu á republica, tendo-lhe o diario desta cidade A.V.O.Z. chamado *penetralho*. O antigo imperador é o presidente do novo estado independente da Mandchuria e Mongolia. — (Especial).

Os «Doze» da S. D. N.

GENEBRA, 22. — Voltou a reunir o conselho dos «Doze» da S. D. N. A reunião foi demorada, finda a qual o conselho lançou a publico uma nota declarando que o Japão não declarou ainda guerra á China, pelo que não foi violado o pacto Kellog. — (United Press).

Para evitar a queda de granadas na Concessão Internacional

XANGAI, 21. — O almirante chefe da esquadra americana pediu ao Q. G. chinês para não enviar granadas para a concessão internacional. Consta que o almirante se esqueceu de fazer igual pedido ao Japão. — (Favas).

Nova reunião dos «Doze» da S. D. N.

GENEBRA, 21. — Voltaram a reunir os «Doze» da S. D. N., especie de «Doze de Inglaterra», que tomaram deliberações importantes, entre ellas a de comunicar ao Japão o texto do artigo 19.º do Pacto Kellog. — (United Press).

Outro ultimatum japonéz

XANGAI, 21. — O Japão enviou á China uma porção de ultimatuns, para ella escolher. Não se sabe ainda o resultado. — (United Press).

Treguas

XANGAI, 21. — Durante as treguas que precederam a entrega dos ultimatuns do Japão á China, o Japão bombardeou continuamente as posições chinas.

A neutralidade das potencias

XANGAI, 21. — As potencias teem-se conservado neutras perante o conflito sino-japonéz, não defendendo os interesses de qualquer das potencias e ajudando o Japão a tomar o forte de Cha-pel, permitindo ainda a entrada de forças japonesas na concessão internacional. — (Especial).

Series grandes

só o PINA as vende

75 - Rua de S. Paula - 77

A cadeira da verdade

Aquela peça do dr. Ramada Curto, *A Cadeira da Verdade*, fez mal aos miolos já um pouco avariados do Saturnino Pereira, um amigo meu de infância dado a inventos e a coisas de electricidade. A instalação electrica da casa onde mora foi ele que a fez, a de casa da sua sogra idem, mas em outra data, e a da casa do seu irmão Asdrubal não foi feita por ele por um triz, e foi no fim de contas a que saiu melhor.

Ora o Saturnino foi vê a blague em 3 actos do dr. Ramada Curto e veio de lá com aquela horrível mania de dar realidade á hipotese do sr. doutor. E desatou a construir uma cadeira tambem com imensos fios electricos, luzes verdes, etc.

A sua grande fé era construir uma cadeira idêntica á da peça e fazer sentar nela os seus amigos e a sua familia, e fazer vomitar cá para fóra a verdadinha toda.

Muito contente, o Saturnino ia construindo a cadeirinha, ao abrigo das vistas indiscretas das pessoas de sua familia, e um belo dia, a cadeira estava pronta.

Começou aqui o verdadeiro trabalho do Saturnino para vêr qual a pessoa que devia inaugurar a cadeira. Pensou maduramente no caso, esteve quasi resolvido em dar ao acto o caracter oficial e em chamar alguém de nome para a inauguração. Depois pensou, em homenagem ao dr. Ramada Curto, convidá-lo a ser ele o primeiro a sentar-se, e por fim resolveu muito pacatamente, muito burguesamente, que o primeiro a sentar-se lá devia ser a sua sogra. E se bem o pensou, melhor o praticou.

Um dia, apanhou a sogra lá em casa e, intencionalmente, levou-a á parede onde estava encostada a cadeira e, sem dizer agua-vai, fê-la sentar na cadeira da verdade e dispôs-se a ouvir da boca de sua sogra toda a verdadinha. Toda a familia, sem o saber, lá assistir a uma cena um pouco dan-tosa.

O Saturnino, um pouco nervoso, aproximou-se do computador e turca, deu meia volta. A sogra, que estava sentada na cadeira, deu imediatamente três pulos, daqueles que merecem honras de campeonato, esperneou que se fartou, guinchou, ganiu, grunhiu, miou, e não disse a verdade. O Saturnino, aflito, voltou a dar meia volta ao computador e a sogra serenou. O Saturnino, curioso, constatou que a sogra tinha apanhado um choque daqueles de alta potencia. O desgraçado do inventor estava parvo, mas ouviu as verdades todas da boca da sogra, porque esta, quando voltou a si e serenou, disse-lhe a ele o que Mafona não disse do toucinho.

No entanto, o pobre do Saturnino nunca encontrou explicação para o caso. Está farto de pensar, fazer calculos, mas nada, e volta e meia interroga-se a si mesmo e pergunta:

— Porque diabo é que os personagens da *Cadeira da Verdade*, quando nela se sentam, não apanham choque? Era o que estava naturalmente indicado...

MANOEL DUQUE.

DESSPORTOS

Os três Mosqueteiros do "sport"



Três mosqueteiros teem andado a prégar ás mósquetas... ai pela provincia...

Dr. Salazar Carreira, Capitão Ribeiro dos Reis, Tavares da Silva. Eis os três... Estes são os três mosqueteiros do sport, no dizer feliz e ajustado duma conhecida celebridade desportiva. E, na verdade, esse homem de sport, pretendendo ser ironico, não deixa de dizer, ao enunciar a definição acima, uma verdade... relativa... como, afinal, todas as verdades.

Num momento em que a moralidade desportiva está pelas ruas de amargura, numa ocasião em que as cenas de violencia se desenrolam nos campos da bola, amiudadamente, não havendo nada que ponha termo a este estado vergonhoso de coisas, a attitude deste trio de desportistas, prégaro por toda a parte — Coimbra, Espinho, Setubal, Parede, etc — a beleza das lutas desportivas e a sua vantagem moral na sociedade, não pode deixar de ser uma proesa a comparar-se áquelas que o Dumas nos conta, como praticadas pelos seus universais *Três Mosqueteiros*.

Dr. Salazar Carreira, Capitão Ribeiro dos Reis, Tavares da Silva. Os três mosqueteiros do sport...

Tem piada e... não ofende...

Viva a Educação Física! E' o grito soltado repetidas vezes por todos aqueles que no sport — dirigentes, jornalistas e atletas — teem responsabilidades.

E, no entanto, qualquer individuo desprevenido que pacatamente se resolve a assistir a um desafio, não tem grande dificuldade em reconhecer o som falso deste grito: — Viva a Educação Física! Porque se trata duma educação fisica sem educação nenhuma, e que de fisica só tem a circunstancia de atingir o fisico do arbitro...

Educação fisica, só com este intuito, é pouco... e é muito...

Vamos transcrever do jornal da especialidade *Os Sports* o seguinte periodo da critica do encontro de campeonato União-Luso, que é um detalhe curioso da maneira como a educação fisica é praticada em Portugal:

«Depois do terceiro goal do União, a linha avançada do Luso tentou um ataque.

Apertada, a defesa dos santamarenses entrou em falta que o arbitro não viu. Os barreirenses irritaram-se, sem tanta razão como aquela de que se julgaram possuidos. Quando a bola foi devolvida ao campo contrario, deu-se uma falta do Luso, que o arbitro assinalou. Os barreirenses irritaram-se mais... E por entre protestos, o defesa esquerdo do Luso lançou-se á bofetada ao arbitro, fugindo em seguida, como é de uso e costume em casos idênticos.»

Por este relato, que parece ser um retrato fiel de tudo que de triste se passou nesse instante, reconhece-se que o jogador do Luso, depois de agredir rapidamente o arbitro... fugiu!

Certamente, áparte uma ou outra voz que se levantará a protestar contra o caso, o jogador autor do acto de valentia continuará a jogar a bola. O seu club, orgulhoso com a proesa do seu pupilo, ficará cheio de satisfação. O eixo da Terra continuará imóvel e impassível, e tudo ficará como antes...

O Luso continuará a bradar que trabalha pela Educação Física e o jogador continuará a jogar...

Comentario unico e final: um pagode...

JONICA.

A retalho

A cena passa-se na rua Augusta, em casa de um conhecido agiota:

Um funcionario publico, encravado, como nós:

— A quanto empresta o senhor?

— A 45 por cento...

— Irra, que é carluho...

— E' «carinho», é, sim, senhor. Eu sempre fui muito carinhoso para os clientes!

Um correspondente do semanario *Dejeza de Arouca* enviou ao seu jornal a noticia de que num lugarejo da freguesia de Santa Marinha se dera um assalto «que privou um lavrador da sua afelçoadá cabritinha».

Dias depois, o pesaroso lavrador recebeu a quantia de 50 escudos e a seguinte carta:

«Caso de Rolhas, 23-11-1931. — Sr. José, por este meio lhe envio a importancia da sua cabritinha que eu lhe fui buscar, porque andava com uma fraqueza no peito e, como não tinha dinheiro para ir ao talho, foilha buscar porque sempre me esperou um dia.

Podialha pagar quando a trouxesse mas não tinha trôco só levava notas de conto de Rei. Agora Sr. Martins dolhe os meus parabens por boê não sair cá fóra quando eu estava dentro do coriêlho e por ter a cabrita bem gorda pois ella está ainda fechada num curral a comer do bom e do melhor mas qualquer dia vai dar o ultimo suspiro. Calculo que 40 escudos deviam chegar, mas por ser ao sr. Martins dolhe 50 escudos para desencarregar a conciencia. Por causa de falsos testemunhos não ponha a boca em ninetem.

Sempre gostei de cabrito
Eu gosto de cabritisse
Que Cue raio os sobriço
Mil diabos os somisse

Seu amigo,

Norberto Pinto Camacho.

Mãos amigas ou inimigas, para o caso não importa, enviaram-nos a seguinte curiosa oração a S. Cristiano, rei da «mandrião»:

No sabado porque conheço
porque sou fiel cristão;
Na segunda porque abraço
da preguiça a profissão!
Na terça porque o cansaço
me obriça a ser mandrião;
Na quarta não dou um passo
porque lemo dá-lo em vão;
Na quinta porque adoço
com tanto assim trabalhar;
Na sexta porque padeço
de uma afecção pulmonar;
No sabado porque conheço
que é preciso descançar.»

O impedido: — Foi assim, minha nha senhora. O meu patrão manda-lhe estas cartas...

A D. Alice: — Cartas de jogar?! Não pereço nada, Antonio. Como foi que o sr. coronel te deu o recado?

impedido: — Foi assim, minha senhora: «Olha, 43. Amanhã faz anos a D. Alice, aquela senhora muito gorda que parece mesmo uma foca. Lembra-me, pois, para lhe levares umas cartas minhas».

— E depois?

— Depois, como não me lembrei de lhe lembrar, trouxe-lhe estas cartas para a senhora escolher...

Quereis dinheiro ?

Joga! no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

Sortes grandes ?

só o PINA se vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

ECOS DA SEMANA

APESAR DE MUITO FALADA A SEMANA COLONIAL DEIXOU O PDETO EM BRANCO. A TERCEIRA POTENCIA COLONIAL NO SEculo XX AINDA NAO ESTA LIGADA AS COLONIAS PELA



AS ANENDOEIRAS TODAS SE REBOLAM COM O OLHAR ARDENTE DOS EXCLUSIVISTAS



OLAVO DESCOBRIU QUE O OLIMPO DE CAMOES IA SER VENDIDO - OLAVO OLAVA DAI AS SUAS MAOS PORO FEM A CONSCIENCIA OLIMPA



JA CHAFFEI TUDO EM CHAPEI DE FRENTE DE LADO POR CIMA AGORA SO ME FALTA IR POR BAIXO... E ESCACHALOS



EM MADRIDE HOVE UM DUELO AO CHICOTE ENTRE LUSOS. TERIA PEGADO A MODA DESTA 'JOGO DO AR LIVRE'



... EM COMPENSAÇÃO NAO HA OLHOS QUE SE REBOLAM NA SERRA DA ESTRELA - EMBORA OLHOS DOUTRA NATUREZA



EM VIRTUDE DA GREVE DOS BRACOS CAIDOS DOS FRADES AS PROCUSSOES DA SEMANA SANTA SERAO REALIZADAS EM AUTO-CAR



O NOVO GUIA DA FRANÇA - CUIDADO QUE O CHÃO ESTA ESCORRECADIO

